



CORA MENESTRELLI

axioma



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

CORA MENESTRELLI

axioma

Copyright © Cora Menestrelli, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

Preparação: Renato Ritto
Revisão: Tamiris Sene e Caroline Silva
Projeto gráfico e diagramação: Vivian Oliveira
Capa e ilustração: Taíssa Maia

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Menestrelli, Cora
Axioma / Cora Menestrelli. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
304 p.

ISBN 978-85-422-2291-3

1. Ficção brasileira I. Título

23-3337

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação
São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br



NADA COMO VOLTAR PARA UM NINHO DE COBRAS

Paris, 2024

Jade Riva estava de volta.

Dessa vez, em Paris. Na França.

Ou, pelo menos, era o que ela gostava de pensar.

As Olimpíadas eram, com toda a certeza, o maior sonho de qualquer atleta que ama profundamente o esporte que pratica. E com Jade não era diferente.

Um pouco, talvez. A ginasta não esperava voltar a competir no maior evento esportivo do mundo depois de toda a bagunça que sua vida havia sido por algum tempo, mas lá estava ela. Pela segunda vez.

Intacta. Ou tanto quanto poderia estar.

Mas nem um pouco enferrujada.

Ou gostava de pensar que não estava.

— Nós vamos direto para a vila olímpica, você também? — Hugo, seu treinador, ergueu uma sobrancelha na direção dela. Jade era a única ginasta entre o time brasileiro que já era maior de idade desde as Olimpíadas anteriores, em Tóquio, o que significava liberdade e confiança maiores por parte daquele homem. Não que isso o impedisse de ser um treinador-coruja mesmo assim, especialmente desde o retorno da mais velha para o time. — Suas malas vão com todas as outras.

— Eu preciso de um chuveiro e de uma cama, vou com vocês — confirmou, embora pensar em ir para a vila olímpica com vários outros

atletas que a conheciam, mesmo depois de quatro anos, ainda fosse algo que lhe causasse arrepios. Não poderia evitar esse momento pra sempre, de qualquer modo. — Talvez eu dê uma volta mais tarde, vou pesquisar as redondezas para saber o que teremos por perto.

— Me avise se encontrar uma loja de bolsas legais, minha esposa vai acabar comigo se eu voltar pro Brasil sem uma bolsa pra ela — ele disse, abrindo a porta da van que os levaria para o destino final. Jade conhecia bem a esposa de seu treinador, então não duvidava nem um pouco disso.

Afinal, a esposa em questão era a sua mãe. De vez em quando, ainda era estranho falar dela com o treinador. Talvez por isso evitassem ao máximo quando não estavam em um ambiente familiar.

— Pode deixar. E eu tenho um gosto muito bom para bolsas. Ainda mais pra sua esposa.

— Eu sei, querida. Jamais contaria com outra pessoa para isso. — Hugo desviou o olhar para checar o restante do time de ginastas. Após alguns segundos, ele pareceu aceitar e ter a segurança de que todos estavam mesmo ali. O treinador deslizou os dedos grossos pelo cabelo grisalho, soltando uma respiração cansada ao entrar na van também. — Perfeito, galera. Eu mereço uma noite de sono depois de tanto tempo em um avião. Não sei como vocês conseguem dormir naquela coisa aterrorizante voando tão alto.

Ah, sim. Jade havia sentido falta de toda a energia de estar viajando com seu time para uma olimpíada. Por mais que a maioria dos jovens ginastas não fossem exatamente seus amigos, apenas colegas e muito mais novos que ela, ainda era o mesmo sentimento de pertencimento que a Jade de recém-completos dezoito anos das Olimpíadas de Tóquio havia sentido.

A ginasta de vinte e dois anos colocou os fones de ouvido e ligou a playlist mais ouvida do seu aplicativo de música — porque situações que a deixavam ansiosa pediam pelas favoritas de Taylor Swift. Hugo brigaria com ela se soubesse que estava ouvindo música tão alto, mas ele não precisava saber.

A vila olímpica estava repleta de atletas do mundo inteiro, mas Jade só conseguia pensar na cama provavelmente não tão confortável do dormitório que ainda assim lhe proporcionaria uma noite de sono decente

após horas de cochilos na pior posição possível dentro do avião. Pelo menos a comida entregue pela companhia aérea era boa.

— Querida, você pode esperar um segundo? Quero conversar com você — Hugo disse, erguendo um dedo no ar para pedir que ficasse ali. O treinador parou e recontou o time de ginastas conforme saíam do veículo em fila para entrar nos dormitórios, como se fosse possível que alguém tivesse se perdido no trajeto do aeroporto até lá.

Jade guardou os fones de ouvido e prendeu o cabelo ruivo desajeitadamente enquanto o esperava, olhando ao redor para procurar por qualquer rosto conhecido por ali. Nem todos os times haviam chegado, então era comum que não encontrasse alguém de primeira.

— Certo, tudo bem. — Hugo se aproximou, chamando a sua atenção mais uma vez.

— Tá tudo bem?

— Tudo perfeito, Jade. Não se preocupe. — Jade o encarou, claramente esperando que dissesse, por fim, o que queria.

Foi aí que a ginasta percebeu que, o que quer que ele tivesse para falar, não sabia ao certo como começar. O que já lhe dava uma previsão do tom da conversa, porque já conhecia bem o suficiente aquele cuidado excessivo para conversar com ela.

E lá vamos nós.

— Certo, bem... eu sei que estar aqui foi uma decisão e tanto para você, ainda mais com uma formação quase inteiramente nova no nosso time, mas quero que saiba que, se precisar de mim a qualquer momento, estou aqui. Ou a nossa psicóloga, Jade. Você já sabe como essas coisas funcionam, mas eu não me perdoaria se soubesse que você...

Jade parou de prestar atenção nas palavras do treinador e padrasto. Ele estava preocupado e queria ajudar, ela sabia disso muito bem, mas não significava que ainda ouviria a mesma conversa outra vez. Principalmente sabendo que ele não seria a única pessoa a dizer essas mesmas palavras durante todos os próximos dias até que fosse embora da França, quando sua participação nos jogos olímpicos chegasse ao fim. Com medalha ou não.

Ainda assim, ela não estava disposta a lidar com tudo aquilo. Muito menos a tentar entender como as pessoas se recusavam a esquecer o seu passado.

— ... você é a mais velha do time e pode se cuidar tanto quanto qualquer um, confio em você, mas eu me sentiria melhor como o responsável pelos atletas se me avisasse sempre que saísse da vila olímpica para outras programações.

Ora, quem diria. Jade comprimiu os lábios com o pensamento, disfarçando um sorriso curto e assentindo suavemente enquanto o treinador falava.

— Pode deixar — assentiu, batendo a ponta do pé direito no chão. Jade se perguntou se todos do time sabiam disso, porque seria apenas mais um motivo para que não gostassem tanto da sua presença. — Eu nem pretendo sair muito, na verdade. Quero usar o tempo livre para treinar.

— Bom saber, mas saiba moderar. — Hugo sorriu, tocando o ombro dela. — Agora, eu realmente preciso dormir. Nos vemos mais tarde, querida?

Jade confirmou com a cabeça, embora seus planos reais envolvessem apenas ficar no dormitório até o dia seguinte.

Hugo se despediu com um aceno suave, deixando a ginasta sozinha para encontrar o caminho até os dormitórios. Jade checou pela milésima vez as indicações que haviam lhe passado por mensagem. Sexto andar, terceiro corredor, quarto quinze... não poderia ser tão difícil assim – embora fosse assustador andar pela primeira vez por um complexo imenso de dormitórios que não conhecia.

— Jade?

A voz masculina chamou sua atenção do outro lado do corredor, tirando-a de toda a concentração necessária para que seu péssimo senso de direção não fizesse com que se perdesse.

Mas foi impossível não sorrir quando viu Paulo andando na sua direção. O jogador da seleção masculina de vôlei de praia abriu os braços para recebê-la em um abraço caloroso, e era reconfortante que a primeira pessoa que encontrasse por lá fosse ele.

Havia conhecido o atleta anos antes graças a algumas amizades em comum. Era como encontrar um irmão mais velho, e não só pelo jeitinho protetivo e carinhoso de animar qualquer pessoa ao seu redor, mas também por compartilhar com ela o mesmo tom ruivo do cabelo que

sempre levantava a pergunta, vinda de desconhecidos, se havia algum parentesco entre eles.

— Eu sabia que você viria, tô tão feliz em finalmente te ver — ele disse, segurando o rosto da ginasta com as duas mãos. — Chegou agora?

— É, eu tô tentando encontrar o meu quarto nesse labirinto.

— Ah, não é tão difícil quando você pega o jeito. Até lá, você vai se perder umas cinco vezes tão feio que nem o Google Maps vai te salvar. — Paulo passou um braço pelos ombros dela, acompanhando-a pelo caminho dos corredores. — E aí, como você tá?

— Sinceramente, cansada — suspirou. — Onde é o seu dormitório?

— O pessoal do vôlei ficou no andar de cima, mas eu provavelmente vou ficar com o meu namorado no hotel em que ele se hospedou. — Paulo parou, como se tivesse acabado de se dar conta de algo muito importante. — Você finalmente vai conhecer ele! O Fernando é um querido, vocês vão se dar superbem.

— Eu vejo vocês no seu Instagram, ele parece ser legal. — E Jade estava feliz em ver Paulo com alguém. Até onde se lembrava, ele costumava ser do tipo que pensava que jamais daria certo com alguém a ponto de se envolver em um relacionamento sério. Se Fernando o fizesse 1% feliz do que parecia nas redes sociais nas vezes em que Jade verificava o Instagram, ela ficaria satisfeita.

Se alguém merecia felicidade ao lado de uma pessoa, esse alguém definitivamente era Paulo Bragança.

Olhando por fora, seria difícil imaginar uma amizade tão forte entre eles – dessas que não importa quanto tempo sem contato se passe, a conversa ainda vai se estender por horas e horas quando se encontrarem. Paulo tinha essa energia de sobra, animação a qualquer horário, um papo solto que rendia absolutamente qualquer assunto.

Jade, não. Bem, ela sempre havia sido a mais quieta em uma roda de amigos, a que preferia passar uma tarde tranquila jogando conversa fora, tomando um café e ouvindo música. Difícilmente encontraria um programa melhor que cozinhar e maratonar filmes. Ah, sim, ela sempre havia sido muito caseira.

E ainda mais nos últimos anos, mas não sabia ao certo se isso era algo bom.

Ainda assim, lá estavam eles, em uma amizade que fazia com que Jade se sentisse um pouco menos deslocada em uma viagem que era seu retorno às competições mundiais, após um período sabático de treinos reduzidos e privados, além de ter de conviver com centenas de desconhecidos.

— Ele é incrível — ele disse, arrancando uma risadinha de Jade. Saber que Paulo havia sossegado em um compromisso era uma surpresa, mas vê-lo falar de alguém em um tom tão apaixonado era quase cômico. Jade precisava mesmo conhecer o cara que o havia deixado assim. — Nós vamos sair pra jantar mais tarde, você topa?

— Hoje não, preciso mesmo de umas horas de sono até meu corpo entender a troca de fuso horário. — Jade parou em frente a uma porta, checando o número para ter certeza de que era mesmo o seu dormitório. Com a presença de Paulo, andar pela infinidade de corredores se tornou um tanto menos desagradável. — Amanhã vou estar livre depois do meu treino da manhã, o que acha?

— Quando você puder, gatinha. — Paulo recostou-se na parede ao lado da porta do dormitório, fitando-a por alguns segundos. Não da mesma forma como Jade sempre se sentia observada, como se enxergassem apenas uma parte dela que ela preferia deixar para trás.

Não. Paulo a olhou como se estivesse apenas muito feliz em vê-la, talvez até aliviado. Jade sabia que o afastamento dos últimos anos havia sido uma responsabilidade sua, e o jogador de vôlei não fez nada além de respeitar o espaço que ela havia colocado entre si mesma e o resto do mundo.

Mas momentos como aquele faziam com que ela percebesse o quanto sentia falta dos amigos que se preocupavam com ela de verdade. Jade tentou muito se preparar para esse tipo de reencontro, mas só conseguia pensar em como queria abraçar aquele cara até conseguir compensar tudo o que havia sido perdido.

— Nós vamos ficar até a final, então temos tempo — ele continuou, por fim. Jade soltou uma risada, ainda que não soubesse bem se pensava a mesma coisa. Dizer que iria para a final parecia ousadia demais, até para ela. — Fefo planejou essa viagem por uns bons meses, então

ele sabe de uns restaurantes por aqui que são ótimos. Você trocou de número, não é?

Jade assentiu, sem conseguir conter um sorriso sem graça quando Paulo estendeu o celular na direção dela. Salvou seu número mais recente, entregando o aparelho na direção do amigo.

— Me manda uma mensagem quando for dar uma volta. — Jade se aproximou para um abraço suave, colocando os braços ao redor do pescoço do amigo. — É muito bom te ver, Paulo. Senti sua falta.

— Eu também, pode acreditar. — Paulo beijou sua testa. — Descansa, Jade. Você sabe que eu não vou te deixar dormir direito pelos próximos dias.

— E você sabe que eu não vou aceitar todos os seus convites pra sair.

— Com o meu poder de persuasão, eu vou te arrastar para todas as baladas parisienses — ele brincou, já se afastando. — Boa sorte pra fugir de mim, gatinha. Vou compensar todo o tempo que não te vi até eu vazar desse lugar com uma medalha de ouro.

Jade não respondeu com nada além de uma risada, entrando finalmente no dormitório. Pelo menos alguém ali tinha a confiança de que levaria uma medalha de ouro pra casa.

O reflexo dela no espelho foi a primeira visão do dormitório; o cabelo ruivo bagunçado após as horas e horas de viagem, as roupas amassadas e os olhos cansados. Nossa, precisava mesmo de um bom tempo de sono.

Não antes de ligar para seus pais, na verdade. Porque sua mãe a mataria caso demorasse mais para mandar notícias e comprovar que já estava acomodada e segura.

A ligação de vídeo foi atendida em questão de segundos. Jade contou da viagem, mostrou o dormitório e ouviu sua mãe contar sobre as novidades mais recentes da sua família – sobre como suas tias estavam falando para todos os conhecidos possíveis que a sobrinha mais velha estava novamente nas Olimpíadas e levaria uma medalha para casa, tudo que Jade odiava saber pelo bem de todas as expectativas que não queria criar. Hugo era o que melhor entendia esse lado e tentava ao máximo conter os comentários da sua mãe, por mais que fossem genuínos, mas não funcionava com o restante da família.

— Todas as outras meninas da equipe são mais novas que eu, talvez eu esteja enferrujada para uma medalha de ouro — disse, aconchegando-se na cama. — Quer dizer, vou tentar. Mas não quero que vocês criem muitas esperanças.

— Deixa de besteira, é justamente ser a mais velha do time que te torna experiente! — Jade poderia refutar aquilo com muita facilidade, mas seria tempo perdido. Não era como se ginastas não tivessem um prazo de validade menor que o da maioria dos atletas. — E mesmo se não tiver uma medalha, ainda vamos te amar.

Jade não duvidava disso, mas seria frustrante mesmo assim.

Afinal, era o seu último ano. Ela queria se despedir em grande estilo, como as grandes ginastas que haviam entrado para a história antes dela.

— Mas agora você precisa descansar, meu amor — Clarissa continuou, um sorriso doce cruzando o rosto da mulher. Era um dos momentos em que Jade quase desejava poder ter dez anos novamente, talvez menos, para se proteger do mundo sob os braços protetivos da mãe. Ao mesmo tempo, sentia-se grata por ter alguém tão incrível perto de si. Mesmo com os anos tendo passado e já adulta, Clarissa jamais deixou de cuidar da única filha. — Estaremos acompanhando tudo pela televisão, e não deixe de mandar notícias. Hugo está ocupado?

— Da última vez que o vi, ele disse que precisava hibernar. E pode deixar — assentiu, puxando o cobertor para si. Jade olhou para a mãe pela tela do celular, bocejando brevemente. — Até, mãe.

— Ah, Jade. Não sei se você pensou nisso, mas você sabe se o...

— Não faço a menor ideia — respondeu, rápida. Era surpreendente que sua mãe não tivesse puxado o assunto em quase uma hora de conversa, porque Jade sabia que ele seria um tópico em algum momento. — Acredito que sim, mas dificilmente vou cruzar com ele. Nossos dormitórios não parecem ser próximos e nossos locais de competição muito menos.

— Ah, entendo. Você poderia, talvez...

— Não, mãe. — Jade suspirou, subitamente exausta. — Não quero pensar nisso agora, não é o meu foco. Aposto que o seu marido concorda comigo.

— Bem, uma conversa nunca matou ninguém — Clarissa disse, soltando uma risadinha. — Mas tudo bem, querida. Como você quiser.

Jade prendeu a respiração por alguns segundos ao desligar, encarando o teto escuro do dormitório.

Sabia que alguém traria o assunto à tona em algum momento – e, sendo bem sincera, já esperava que esse alguém fosse sua mãe.

Só não achava que a simples menção já fosse deixá-la sem ar. E não sabia dizer se era no bom sentido ou não.

Mesmo após quatro anos, como alguém conseguia causar tanta coisa nela sem precisar mexer um único músculo? Apenas por existir, pairando por meio de palavras que nem mesmo haviam sido ditas por ele.

Mas Jade Riva não podia perder noites de sono com isso. Não, ela não tinha tempo. Não tinha chance.

Porque estava de volta aos olhos do mundo anos após a sua queda, e tudo que queria era mostrar como ainda era perfeitamente capaz de levar uma medalha de ouro para casa.

